



PBPC
ISSN 2674-9432



Qualis A3
CAPES 2021-2024



DOI - Crossref

Latindex

Indexado no
Google Acadêmico

ABORDAGEM LITERÁRIA SOBRE A PSICANÁLISE LACANIANA

José Orlando da Silva Queiroz, Quézia Monteiro Pereira, Joelma Jardim Monteiro Pereira, Naiana Ribeiro Azevedo, Paulo Augusto Oliveira de Brito, Luiz Carlos Gomes Sousa da Silva, Natanael Barros Gonçalves, Keyla Suellen Rocha Neves, Bianca Miranda Montelo Mota, Amanda Cristina Medeiros da Silva, Antônio Cosme Menezes Neto, Sinandra Carvalho dos Santos Fernandes, Priscilla Andrade Silva, Elenson Gleison de Souza Medeiros.



<https://doi.org/10.36557/2674-9432.2026v5n1p1812-1828>

Artigo recebido em 19 de Dezembro e publicado em 19 de Fevereiro de 2026

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

Lacan entende a psicanálise como uma práxis rigorosa, mas também como um ofício que, ao retomar a centelha original de Freud, não se limita a repetir: recria. Trata-se, antes de tudo, de uma experiência com a linguagem e com a falta de saber, lugar onde o sujeito, ao falar e ser escutado, pode redesenhar sua própria história, libertar-se de velhas amarras e descobrir o ponto singular de seu desejo no discurso do Outro. Este estudo — conduzido por meio de pesquisa bibliográfica em bases como *PePSIC* e *SciELO*, privilegiando publicações entre 2021 e 2025 — buscou desvendar o panorama literário atual da psicanálise lacaniana. O que se revelou foi um campo vivo e em movimento, que retorna aos alicerces freudianos, mas, de certo modo, os amplia e reinventa, como quem abre janelas numa casa antiga para deixar entrar novos ares. Assim, a psicanálise lacaniana se mantém não apenas como teoria ou técnica, mas como uma aventura ética e crítica, que insiste em lembrar que somos feitos de palavras, desejos e hiatos.

Palavras-chave: práxis; recria; experiência; linguagem; ética.



ABSTRACT

Lacan understands psychoanalysis as a rigorous praxis, but also as a craft that, by resuming Freud's original spark, does not merely repeat: it recreates. It is, above all, an experience with language and with the lack of knowledge, a place where the subject, by speaking and being listened to, can redesign their own history, free themselves from old shackles, and discover the singular point of their desire in the discourse of the Other. This study—conducted through bibliographic research in databases such as PePSIC and SciELO, prioritizing publications between 2021 and 2025—sought to unveil the current literary landscape of Lacanian psychoanalysis. What was revealed was a living and dynamic field that returns to Freudian foundations but, in a certain way, expands and reinvents them, like someone opening windows in an old house to let in fresh air. Thus, Lacanian psychoanalysis remains not only a theory or technique, but an ethical and critical adventure that insists on reminding us that we are made of words, desires, and gaps.

Keywords: praxis; recreate; experience; language; ethics

Instituição afiliada – Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA.

Autor correspondente: *Priscilla Andrade Silva*

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





1 INTRODUÇÃO

Lacan sugere um "retorno a Freud" ao perceber que a psicanálise pós-freudiana estava se afastando para uma psicologia adaptativa, focada no fortalecimento do "eu" (moi) e em um tecnicismo institucionalizado pela IPA (International Psychoanalytical Association), o que resultava em uma "hibernação das discussões". A técnica passava a ser um instrumento de normalização, contradizendo a descoberta freudiana de que "o Eu não é senhor em sua própria casa" (Jorge, 2005; Malta *et al.*, 2023).

A relevância da técnica, assim, inicia-se com um retorno aos "escritos técnicos" de Freud. Lacan considera textos como "A dinâmica da transferência" e "Recordar, repetir, perlaborar" fundamentais, pois definem o "lugar psíquico" que o analista deve ocupar — um espaço que não é de mestre que ensina uma ciência acabada, mas de facilitador de um conhecimento que o sujeito desconhece possuir. Ao retomar a técnica original e a postura ética de Freud — que trabalhava com esboços, deixava espaços em aberto e exigia do leitor uma "postura de pesquisador" — Lacan recupera a análise da dogmatização e a reintegra a um campo "perpetuamente aberto à revisão" (Jorge, 2005; Eidelsztein, 2023).

Uma abordagem que valoriza a autonomia, a reflexão crítica e a singularidade do sujeito é o discurso psicanalítico. Ele se opõe a sistemas de conhecimento hierárquicos e é caracterizado pela escuta do inconsciente, pela primazia da temporalidade em relação ao espaço e por uma ética que considera a falta como o motor do desejo e do saber (Cançado, 2023). A técnica psicanalítica é uma prática baseada na escuta, na transferência e na temporalidade, com o propósito de fortalecer o indivíduo, expandir seu campo de percepção e permitir que ele se diferencie e assuma a responsabilidade por seu próprio desejo, em vez de simplesmente eliminar sintomas (Penna; Pimenta, 2024).

A análise propriamente dita ocorre no campo da transferência e suas manifestações. A fim de fortalecer o sujeito, objetivo da análise, é preciso instalar, manejar e, por fim, dissolver a neurose de transferência. Ao superar as resistências transferenciais por meio da perlaboração (elaboração interpretativa), o indivíduo consegue deixar um estado "indiviso", diferenciar-se do grupo e tornar-se capaz de "contar consigo mesmo e, portanto, doravante com o outro". Assim, a transferência não é apenas um obstáculo a ser superado, mas o próprio meio pelo qual ocorre a cura psicanalítica (Diniz; Paravidini, 2023).

A introdução do significante marca uma nova perspectiva sobre a subjetividade. A



palavra torna-se o veículo do desejo, e a análise transforma-se em um trabalho focado na narrativa do sujeito, na lógica significante de seu texto. O propósito não é mais buscar um significado final, mas compreender como o indivíduo se forma e se aliena na cadeia de significantes que o precede e o define (Dutra; Moschen, 2023).

O circuito pulsional é formado pela intervenção da linguagem do Outro sobre a carne, estruturando-se em três etapas que vão desde a procura por um objeto externo até a emergência do sujeito, que surge no ato de se tornar objeto para o Outro. Trata-se de um processo essencial que coloca o indivíduo no campo do desejo e do gozo (Maliska, 2022).

Com base no exposto, o objetivo desta revisão foi investigar o panorama literário atual da psicanálise lacaniana, destacando a relevância de seus conceitos e de uma análise aprofundada.

2 METODOLOGIA

O estudo em questão trata-se de uma revisão narrativa da literatura, e para o presente trabalho foi aplicada uma consulta nas bases de dados eletrônicas da PePSIC (Periódicos de Psicologia) e SciELO (*Cientific Eletronic Library Online*). Onde foram inseridos como descritores de busca, as palavras “Psicanálise”, “Jacques Lacan” (Canuto; Oliveira, 2020). Os principais artigos foram selecionados em português, filtrados por divulgação entre 2021 e 2025.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

3.1 O Conceito de Psicanálise

Para Jacques Lacan, a psicanálise é, antes de mais nada, uma interpretação rigorosa e radical da descoberta freudiana — quase como se fosse um fio subterrâneo que ele puxa de volta à superfície, resgatando-o dos atalhos teóricos e práticos que a haviam convertido numa psicologia adaptativa ou, pior ainda, num discurso medicalizante. Pois bem, para Lacan, a psicanálise não é uma teoria engessada, um manual de receitas, mas uma prática



viva que se move no terreno da linguagem e do discurso, espaço fértil onde o sujeito do inconsciente pode enfim se manifestar (Veliq, 2023).

Esse célebre “retorno a Freud” não é, contudo, mera repetição ou homenagem cerimoniosa. Trata-se de recuperar o sopro subversivo das descobertas freudianas, sopro esse que, com o tempo, havia sido abafado por leituras excessivamente normativas. Ao se declarar “freudiano”, Lacan o faz como quem ergue uma bandeira contra o conformismo da psicanálise pós-freudiana, que, segundo ele, se cristalizou numa “Psicologia do Ego” preocupada com defesas, ajustes e tecnicismos institucionais. Lacan, ao contrário, insiste: o pensamento de Freud deve ser considerado “perpetuamente aberto à revisão”. Ou seja, cada conceito deve ser tomado como chama em movimento, jamais como pedra fria (Eidelsztein, 2023; Fonseca; Conti, 2024).

Diferentemente do discurso acadêmico que, herdeiro de Descartes, ainda cultiva a crença de que “saber é a verdade”, a psicanálise lacaniana sustenta outra lógica: a de um “saber que não se sabe”. E aqui está o pulo do gato — uma análise não se limita a acumular teorias, mas propõe uma experiência: o encontro com o saber ausente. O que vale, no campo analítico, não é o conhecimento consciente, fechado em fórmulas, mas sim o furo, a falha, a brecha luminosa onde o sujeito do inconsciente se insinua (Pereira; Barros, 2025).

A maior contribuição de Lacan, talvez, tenha sido costurar a descoberta freudiana com a linguística e a antropologia estrutural. E, veja só, é nesse cruzamento que surge sua tese mais conhecida: o inconsciente é estruturado como uma linguagem. O que está em jogo na clínica, portanto, não são os fatos crus da realidade, mas os fatos do discurso — aquilo que o sujeito reconstrói quando fala, mais do que aquilo que efetivamente viveu. Como um tecelão que troca a ordem dos fios, Lacan inverte a fórmula de Saussure e dá primazia ao significante, não ao significado. O sentido, afinal, não está dado de antemão: nasce de forma retroativa, como efeito, na dança incessante dos significantes. É justamente nesse entremeio — nesse intervalo sutil entre um significante e outro — que o sujeito irrompe. O inconsciente, diz Lacan, é a fala do Outro; não mora em cavernas ocultas da mente, mas na superfície da linguagem. É um saber que vem de fora, um tesouro de significantes herdado do Outro (A), esse grande campo da linguagem que antecede e molda cada um de nós (Lacan, 1986; Vernizi; Lustoza, 2024).

Para Lacan, a psicanálise é, sobretudo, uma ética, e não uma moral. O analista não busca adaptar ninguém a padrões de felicidade preestabelecidos; busca, antes, ajudar o



sujeito a se colocar diante do próprio desejo. A análise, nesse sentido, é quase uma arte — a arte do diálogo, do reposicionamento no discurso, da responsabilidade assumida diante da própria história. É uma reintegração do sujeito em sua narrativa, não como quem encontra um final feliz, mas como quem aprende a habitar as próprias entrelinhas. Aqui entra outro aspecto fundamental: o tempo lógico. Diferentemente do tempo cronológico, marcado pelo tique-taque indiferente do relógio, o tempo da análise obedece à temporalidade própria do inconsciente. A intervenção acontece não quando o ponteiro marca a hora, mas quando algo irrompe, quando a fala tropeça e deixa aparecer o que estava encoberto (Benites; D'Agord, 2024).

Na formação da subjetividade, Lacan desloca o enfoque freudiano do mito familiar do Édipo para operações lógicas. É aí que entram seus três registros: o Imaginário, reino da imagem e do eu, tecido no Estádio do Espelho; o Simbólico, território da lei, da linguagem e do Outro, sustentado pelo Nome-do-Pai; e o Real, esse impossível de simbolizar, que escapa, insiste e retorna como trauma ou gozo. A psicanálise, nesse horizonte, atua como uma espécie de cartógrafa: ajuda o sujeito a navegar pelo Real que causa dor e excesso, valendo-se do Simbólico, ou seja, dos fios do discurso que podem costurar uma nova tessitura de sentido (Lacan, [1964]1985; Valas, 2001; Penna; Pimenta, 2024).

3.2 Sobre o Discurso Psicanalítico

O discurso psicanalítico, convenhamos, não cabe numa vitrine de saberes prontos e acabados. Antes, ele se ergue como uma *práxis*, uma postura ética diante do conhecimento, do sujeito e da linguagem. Diferente do discurso acadêmico — herdeiro da velha tradição cartesiana que insiste em dizer que “saber é verdade” e que o conhecimento pode ser empilhado como tijolos numa parede —, o discurso psicanalítico segue por outro caminho. Ele lida, isso sim, com um “saber que não se sabe”, esse saber inconsciente que, feito sombra teimosa, escapa das mãos justamente quando pensamos tê-lo capturado (Lacan, [1959-60]2008; Mohr, 2025).

O alvo principal da psicanálise não é o território sólido do conhecimento estabelecido, mas o furo, a lacuna, a rachadura por onde o sujeito se deixa entrever. Daí que a análise não se resume a “aprender” uma teoria, mas se desdobra numa experiência: um verdadeiro encontro com o saber ausente, como quem caminha em busca de uma



chave que, paradoxalmente, só aparece quando o sujeito já está prestes a forjar a sua própria. Nessa cena, o mestre — ou o analista — não reina do alto de uma cátedra. Ao contrário, seu papel é outro: o de provocar, insinuar, cutucar suavemente, para que o analisando se torne protagonista da própria jornada. A resposta, quando chega, vem quase como um sussurro tardio, justo no instante em que o sujeito já se inclinava a descobri-la por conta própria (Bueno; Kessler, 2023).

Sigmund Freud foi o grande inaugurador desse discurso. E, na leitura de Jacques Lacan, seu pensamento deve ser entendido como “perpetuamente aberto à revisão” — jamais domesticado em manuais ou fixado em verdades absolutas. Essa abertura se reflete, aliás, no próprio estilo de Freud: uma escrita cheia de fragmentos, esboços, associações e silêncios que exigem do leitor uma postura ativa, quase de detetive ou arqueólogo. Ele mesmo admitia a incerteza intrínseca ao campo psíquico, confessando que seus fatos pareciam “incomensuráveis” e que a ciência dificilmente daria a certeza que as “mentes medíocres tanto exigem” (Lacan, 1986; Santos *et al.*, 2023).

No fundo, o discurso psicanalítico se ancora na relação viva entre analista e analisando, em que a prática precede, de longe, a teoria. Freud ousou ao entregar a seus pacientes o papel de verdadeiros “inventores da psicanálise”, mostrando que o saber nasce da escuta atenta das histórias singulares. Lacan, por sua vez, levou esse gesto adiante: lembrou-nos que o analista não trabalha com os fatos crus da realidade, mas com os fatos do discurso. E, afinal, o que importa não é o que o sujeito viveu, mas a forma como reconstrói, reescreve e, por vezes, reinventa sua própria história na cadência da fala (Albuquerque; Henriques, 2022).

3.3 A Técnica Psicanalítica

A técnica psicanalítica não é, de modo algum, um simples receituário de procedimentos arrumados numa prateleira conceitual. É muito mais que isso: trata-se da materialização de uma teoria e, sobretudo, de uma ética que não se confunde com outros discursos — seja o acadêmico, o médico ou o pedagógico. Freud a lançou como quem abre um caminho na mata fechada, e Lacan, com olhar cortante, recolocou-a sob crítica, devolvendo-lhe a radicalidade. A técnica, nesse sentido, é como uma chave que gira em silêncio para abrir um espaço onde ecoa um saber insuspeito, aquele que mora no avesso



da consciência: o saber inconsciente. E a psicanálise, com sua ousadia própria, finca pé numa premissa que, de tão radical, soa até escandalosa: primeiro vem a prática, depois a teoria (Lacan, [1959-60]2008).

Freud, veja só, não se contentou em ocupar o lugar de dono do saber. Ao contrário, colocou seus pacientes como verdadeiros “descobridores e inventores da psicanálise”. A técnica não é um esquema rígido imposto de fora, mas um método que nasceu da escuta clínica e da relação única, imprevisível, entre analista e analisando. Dito de outra forma, a história da técnica caminha de mãos dadas com a história da teoria, inseparáveis como sombra e corpo ao sol (Brito *et al.*, 2025).

E se alguém deseja compreender a força dessa prática inaugural, não há escapatória, é preciso atravessar os “escritos técnicos” de Freud, produzidos entre 1912 e 1914. Textos como *A dinâmica da transferência* e *Recordar, repetir, perlaborar* são verdadeiros marcos de fundação. Neles, Freud mostra que o analista não deve agir como mestre que despeja verdades prontas — de cima para baixo, *ex cathedra* —, mas sim como um facilitador, aquele que abre uma fresta no muro para que o paciente enxergue por si próprio. Não se trata, portanto, de dar respostas, mas de criar o terreno fértil para que elas brotem (Ferreira; Silva, 2025).

No coração da técnica freudiana pulsa a temporalidade, que ganha primazia sobre o espaço. Afinal, a dor não está presa apenas ao corpo ou ao presente imediato, mas, sim, à memória e a narrativas não elaboradas, histórias engasgadas que ainda pedem passagem. A análise, nesse sentido, é a chance de o sujeito reescrever a própria trama — costurando o que estava solto, dando voz ao que antes era apenas ruído (Lacan, [1959-60]2008).

Entra em cena a Transferência, esse palco no qual antigas figuras e afetos infantis se reapresentam na figura do analista. Pode até soar como resistência, como pedra no caminho, mas é justamente aí que mora sua força terapêutica. Domá-la, manejá-la, acolhê-la — seja ela positiva, negativa ou erótica — é tarefa que exige do analista fina escuta e firmeza delicada. Do mesmo modo, a compulsão à repetição não aparece como simples obstáculo, mas como oportunidade: em vez de recordar, o paciente tende a encenar. Cabe ao analista oferecer tempo e espaço para a perlaboração, esse processo artesanal de lapidar, elaborar e atravessar resistências (Abrantes; Coelho, 2022).

Lacan, no seu célebre “retorno a Freud”, procurou resgatar a veia mais radical da técnica. Criticou, sem papas na língua, as leituras que a haviam reduzido a uma psicologia



adaptativa ou a um discurso medicalizante. Para ele, não são os fatos crus da realidade que interessam, mas os “fatos do discurso”: aquilo que o sujeito tece, entre tropeços e intervalos, ao narrar sua própria história. A técnica lacaniana, assim, não trabalha apenas com palavras, mas com a música que se esconde entre elas. Ao operar sobre a cadeia de significantes, busca criar a chance de que o desejo do sujeito surja, finalmente, como protagonista — reconfigurando, de ponta a ponta, sua trama existencial (Coelho, 2024).

3.4 Transferência e suas Manifestações

A transferência não é apenas uma engrenagem técnica; é quase um vento invisível que sopra pelos corredores da análise, conduzindo memórias e afetos do passado para o aqui e agora do consultório. Desde Freud, ela se apresenta como um fenômeno duplo: ferramenta essencial e, ao mesmo tempo, maior obstáculo ao progresso terapêutico. Não é um simples “sentir pelo outro”; é uma recriação de padrões antigos, uma dança entre o consciente e o inconsciente, onde o analista e o paciente ensaiam passos de um roteiro já escrito, mas sempre aberto a improvisos (Diniz; Paravidini, 2023).

Freud, com sua visão pioneira, chamou atenção para a chamada “neurose de transferência”, uma espécie de doença artificial, nascida no seio do tratamento, mas paradoxalmente indispensável para a cura. O analista torna-se, assim, tanto palco quanto espelho, refletindo imagens que pertencem a uma infância perdida, trazendo à tona aquilo que, de outro modo, permaneceria soterrado (Lacan, [1964]1985).

Fundamentalmente, a transferência é a reprodução de protótipos e vínculos infantis na figura do analista. O paciente o insere em uma das “séries psíquicas” que construiu ao longo da vida, revisitando antigas emoções, como quem folheia um álbum de fotos guardado na penumbra. Freud percebeu que o apego emocional não se dirigia à pessoa do analista, mas a um sentimento que emergia de um “passado proibido e inconfessável”. E aí, com um toque de ironia, chamou essa ligação de “falsa relação”, uma espécie de *mésalliance* que flutua entre o tempo vivido e o imaginário (Fonseca; Conti, 2024).

No início, a transferência surge como uma confiança quase ingênua, uma expectativa crente que abre portas ao tratamento. Mas, rapidamente, revela-se também o principal agente de resistência: o paciente, como quem se protege de um velho inimigo, recorre ao “arsenal do passado”, bloqueando o fluxo da análise. Lidar com esse fenômeno



tornou-se ponto central da técnica freudiana, explorado em textos como *Sobre a dinâmica da transferência* (1912) e *Recordar, repetir, perlaborar* (1914) (Freud [1915]2014; Freud, [1920]2016).

As manifestações da transferência exigem do analista uma escuta afiada e uma postura delicada. A Transferência Positiva, sutil e discreta, funciona como uma maré suave, que permite ao paciente mergulhar nas memórias e reduzir, ainda que temporariamente, os sintomas. Já a Transferência Negativa se apresenta como tempestade: sentimentos agressivos emergem, e o recordar dá lugar ao “atuar” — o *acting out* —, testando os limites da técnica. A Transferência Erótica, por sua vez, se manifesta como uma chama intensa: o paciente declara amor pelo analista. Freud advertia: não se trata de paixão pelo terapeuta, mas do reaparecimento de um desejo antigo, encarnado no presente. O manejo desse material exige cuidado, como se cada sentimento fosse um espírito a ser interrogado antes de ser liberado (Ferreira; Silva, 2025).

A contratransferência, enfim, revela-se como reflexo do impacto do paciente sobre o analista: emoções emergem do inconsciente do terapeuta, que, sabiamente, pode transformá-las em instrumento para decifrar o inconsciente do outro. Assim, o processo terapêutico se torna uma verdadeira travessia, na qual o sujeito, fortalecido, vai se tornando mais autônomo, mais capaz de contar consigo mesmo e com os outros, superando as resistências que se manifestam na transferência (Bezerra, 2024; Quintella, 2022).

3.5 O Significante na Teoria Lacaniana

Na teoria lacaniana, o significante não é apenas uma ideia, mas quase um fogo que ilumina o caminho da psicanálise, abrindo clareiras onde antes só havia sombras. Ele representa uma das contribuições mais ousadas de Jacques Lacan, deslocando a reflexão para a linguística e a estrutura, como quem muda o cenário de um palco para revelar atores invisíveis: o sujeito aparece, mas só na dança entre as palavras. Ao propor um "retorno a Freud", Lacan não está simplesmente resgatando conceitos antigos; ele os recria, como quem pega velhos instrumentos e faz soar uma nova melodia, colocando o significante como pilar central dessa reinvenção (Jorge, 2005; Pelenz; Burgarelli, 2022).

Lacan, é claro, bebeu da fonte de grandes mestres, o linguista Ferdinand de



Saussure e o antropólogo Claude Lévi-Strauss serviram como bússolas iniciais. Para Saussure, o signo linguístico combinava um significante — a imagem acústica, o som, o componente material — e um significado, a ideia ou conceito. Esses dois elementos mantinham uma estabilidade quase sagrada, como se estivessem gravados em pedra (Lacan, 1986; Saussure, 2012; Dutra; Moschen, 2023).

Mas Lacan, não se contenta com o estático, ele vira a fórmula de Saussure de ponta-cabeça, erguendo o significante acima do significado. Na visão dele, vivemos numa época de “abundância de significantes em detrimento da escassez de significados”. Ou seja, a linguagem não é um código rígido e cristalizado; ela escorrega, serpenteia, tropeça e se recombina na cadeia de significantes. O sentido é instável, efêmero, e só se revela como uma sombra que se move na parede, gerada retroativamente — a posteriori. Lacan chega a dizer, quase como quem sorri de canto de boca, que “a maior parte do tempo não sabemos o que dizemos”, e que o sentido das palavras é uma suposição fictícia, como se cada frase fosse uma promessa de interpretação (Lemke; Costa; Ravello, 2024).

Essa mudança é profunda: o signo remete a um sentido pronto, dispensando o sujeito; o significante, pelo contrário, exige um leitor, alguém que se arrisque a interpretar. O sujeito, então, surge na “casa vazia” entre dois significantes, nesse espaço suspenso, onde algo se insinuou, mas ainda não se formou. O significante não simboliza uma “coisa” estática; ele personifica o sujeito, representando-o para outro significante e permitindo que o sentido floresça a partir da inserção subjetiva (Pelenz; Burgarelli, 2022).

Na clínica, isso transforma a escuta e a intervenção: o analista não se ocupa mais dos fatos da realidade, mas dos “fatos do discurso”. O inconsciente deixa de ser um abismo secreto; ele se manifesta como uma melodia nas palavras do sujeito, não escondido em profundidades insondáveis. Escutá-lo é perceber os ecos da mente na superfície do discurso, captando o ritmo, as pausas e os silêncios que falam mais alto do que qualquer palavra. No fundo, o significante é como uma semente lançada ao vento: depende do solo — do sujeito — para germinar, e o sentido só brota quando a interpretação dança junto com a subjetividade, em uma coreografia silenciosa entre o dito e o não-dito, entre o que se fala e o que se pressente (Lacan, [1975-76]2007; Gonçalves; Calazans, 2024).

3.6 O Circuito Pulsional



Na teoria lacaniana, o circuito pulsional não é só um fenômeno biológico ou instintivo; é quase como um rio invisível que corre entre a linguagem e o corpo, moldando o sujeito antes mesmo que ele se perceba. Para Lacan, a pulsão é um “eco que vibra na carne” do fato de que existe um dizer, aquele murmúrio do Outro — pais, sociedade, linguagem — que imprime marcas antes da formação do sujeito. É nesse sussurro da palavra, que toca a boca, o ânus ou a pele, que a carne começa a se tornar humana, e o circuito se põe a girar, tímido mas insistente (Freud, [1915]2014; Maliska, 2022).

O circuito pulsional se organiza em três tempos lógicos, como atos de uma peça que prenuncia o nascimento psíquico do indivíduo. No primeiro tempo, ativo, o bebê se lança ao mundo em busca de um objeto que traga satisfação — geralmente o seio materno — e se apropria dele. Aqui, o sujeito ainda é acéfalo, sem cabeça, um explorador que busca sentido nas coisas que toca e prova, como quem tateia no escuro por uma luz que teima em surgir (Freud, [1920]2016; Gonçalves; Marcos, 2024).

No segundo tempo, reflexivo, o bebê volta-se para dentro, substituindo o objeto externo por uma parte de si mesmo. Quando chupa o próprio dedo, ele ensaia um gesto de chupar-se, tentando imprimir na própria carne o sentido que descobriu no mundo. Mas o sujeito da pulsão ainda flutua, acéfalo, como nuvem que se recusa a se condensar, ensaiando sua forma sem nunca alcançá-la por completo (Lacan, [1956-57]1995; Veliq, 2023).

O terceiro tempo, fazer-se objeto para o Outro, é o instante em que o sujeito finalmente se mostra. A criança retorna ao Outro, mas não como mera receptora: torna-se objeto, entregando-se, oferecendo-se ao olhar e ao desejo alheio. Nesse momento paradoxal, o sujeito da pulsão é o Outro; é no ato de dar que nasce o ser, fechando o circuito pulsional e revelando, enfim, a coreografia do desejo (Valas, 2001; Brito et al., 2025).

A pulsão não visa um objeto capaz de satisfazer por completo uma necessidade; ela borda o vazio, girando em torno do objeto a, causa do desejo. Os objetos parciais da pulsão — seio, fezes, olhar, voz — são como fragmentos de espelho, refletindo apenas migalhas de prazer. A satisfação completa seria, na verdade, letal, pois extinguiria a tensão, dissolvendo o desejo e anunciando uma espécie de morte psíquica. Assim, o circuito pulsional é uma narrativa de ausência e entrega, uma dança que começa nas extremidades do corpo, passa pelo espelho de si mesmo e se oferece ao Outro. É nesse movimento que



o sujeito surge — sempre inacabado, sempre desejante — como quem aprende a caminhar nas cordas invisíveis da linguagem, tateando entre ecos e silêncios, entre o que se quer e o que se espera (Lacan, [1962-63]2005; Coelho, 2024).

4 CONCLUSÃO

O que Lacan nos lembra é que a técnica psicanalítica não é um receituário pronto nem um conjunto de ferramentas engessadas. Ao contrário, é um gesto ético que insiste em abrir espaço para o inesperado, para a fala que tropeça, para o silêncio que ecoa.

Se Freud nos mostrou que o Eu não é senhor em sua própria casa, Lacan nos convida a percorrer os corredores desse lar estranho — feito de símbolos, espelhos e ausências — e a reconhecer que é justamente no vazio que brota o desejo. A técnica, portanto, não serve para "consertar" o sujeito, mas para lhe oferecer a possibilidade de se reescrever, de costurar os retalhos de sua história e, quem sabe, de encontrar um ritmo próprio no compasso da linguagem.

Em tempos tão apressados, em que tudo parece pedir respostas imediatas e certezas absolutas, a psicanálise lacaniana se ergue como um farol inquieto: não promete a felicidade fácil, mas convida à travessia — um caminho onde o sujeito, ao assumir a falta, pode finalmente sustentar a arte de dialogar consigo e com o Outro.

5 REFERÊNCIAS

ABRANTES, T.; COELHO, N. Formulações do conceito de elaboração psíquica no pensamento freudiano: apontamentos para um debate. **Psicologia USP**, v. 33, 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564e200035>

ALBUQUERQUE, A. S. R. de; HENRIQUES, R. P. o desejo do analista na atualidade. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 25, n. 3, p. 78–86, 2022. <https://doi.org/10.1590/1809-44142022003010>

BENITES, L. S. S.; D'AGORD, M. R. L. Freud, Lacan e Musil: A fantasia e a janela do fantasma. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 27, n. e230860, 2024. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e230860>

BEZERRA, M. M. S. Transferência e contratransferência: os efeitos clínicos do observador no trabalho em grupos terapêuticos. **Psicologia USP**, v. 35, n. e190081, 2024. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190081>



BRITO, C. F.; TONELI, M. J. F.; DE OLIVEIRA, J. M. Discursos sobre “(des)transição de gênero”: conservadorismo e teorias sobre gênero. **Psicologia & Sociedade**, v. 37, n. e280985, 2025. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2025v37280985>

BUENO, M. L. S.; KESSLER, C. H. Uma Leitura Teórico-Clínica de uma Análise: O Fato Clínico como Operador Metodológico. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 43, n. e248134, 2023. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003248134>

CANÇADO, M. J. O lugar da palavra para a psicanálise. **Fractal: revista de psicologia**, v. 35, 2023. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2023/v35/28690>

CANUTO, L. T.; OLIVEIRA, A. A. S. de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicologia em Revista**, v. 26, n. 1, p. 83–102, 2020. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>

COELHO, C. C. A pulsão e a desconstrução de um corpo: do limite singular em Freud e Nancy. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 27, n. e267927, 2024. <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2024-267927>

DINIZ, L. F.; PARAVIDINI, J. L. L. Transferência por meio da escrita na clínica psicanalítica. **Mental**, v. 15, n. 27, 2023. <https://doi.org/10.5935/1679-4427.v15n27.0008>

DUTRA, V.; MOSCHEN, S. O objeto voz: afecção entre angústia e culpa. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 27, 2024. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.e221058>

EIDELSZTEIN, A. **Outro Lacan**: estudo crítico sobre os fundamentos da psicanálise lacaniana. Toro Editora, 2023.

FERREIRA, A. J.; SILVA, J. F. da. O conceito de transferência de trabalho em psicanálise: uma revisão integrativa da literatura brasileira. **Analytica**, v. 13, n. 26, 2025. <https://doi.org/10.69751/arp.v13i26.5059>

FONSECA, M. S. da; CONTI, L. de. Entre paradas e movimentos: uma revisão teórica a respeito do silêncio em psicanálise. **Psicologia USP**, v. 35, n. e200088, 2024. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200088>

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. (1915). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. -- (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 2).

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. (1920). Tradução de Renato Zwick. LP&M Editora, 2016.

GONÇALVES, G. A.; MARCOS, C. M. ENCORE... Além do princípio de prazer: trauma, real e acontecimento de corpo. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 27, 2024. <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2024-279581>



GONÇALVES, R.; CALAZANS, R. As dimensões da voz na pulsão invocante: Real, Simbólico e Imaginário. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 27, n. e279779, 2024.

<https://doi.org/10.1590/1809-4414-2024-279779>

JORGE, M. A. C. Jacques Lacan e o “Retorno ao sentido de Freud”. In: Jorge, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, vol 1**: as bases conceituais. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. Introdução aos comentários sobre os escritos técnicos de Freud. In: Lacan, J. (1953-54/1986) **Seminário 1**: Os escritos técnicos de Freud. trad. Betty Milan, RJ: Zahar, 1986.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 4**: A relação de objeto. (1956-1957). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 7**: A ética em psicanálise. (1959-1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira Antônio Quinet. - Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 10**: A angústia. (1962-63) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. (1964). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, livro 23**: o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2007.

LEMKE, R. A.; COSTA, M. L.; RAVANELLO, T. Subjetivação do desejo e ser-para-a-morte. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 27, n. e287293, 2024.

<https://doi.org/10.1590/1809-4414-2024-287293>

MALISKA, M. E. Destinos da pulsão invocante na direção da análise. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 25, n. 2, p. 47–53, 2022. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142022-02-06>

MALTA, A. L.; GUERRA, A. M. C.; MOREIRA, J. D. E. Oliveira. Causalidade em Lacan: objeto a entre a causa e o que ela afeta. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 26, 2023.

<https://doi.org/10.1590/1809-4414-2023-012>

MOHR, A. M. O último dos estoicos: lacan e os incorporais da psicanálise. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 28, n. e294439, 2025. <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2025-294439>

PELENZ, M. L. F.; BURGARELLI, C. G. Entre linguagem e gozo, a escrita do sintoma. **Reverso**, v. 44, n. 84, p. 69–78, 2022. <https://doi.org/10.5935/0102-7395.v44n84.08>

PELENZ, M. L. F.; BURGARELLI, C. G. Entre linguagem e gozo, a escrita do sintoma. **Reverso**, v. 44, n. 84, p. 69–78, 2022. <https://doi.org/10.5935/0102-7395.v44n84.08>



[7395.v44n84.08](#)

PENNA, P. D. M.; PIMENTA, C. G. A importância do processo de alienação na constituição do sujeito: abordagens teóricas e clínicas na Psicanálise Lacaniana. **Revista Caderno Pedagógico**, v. 21, n. 10, p. e9340, 2024. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n10-212>

PEREIRA, M. S.; BARROS, R. A. Corpo em ressonância: explorando os novos sintomas. **Revista Acadêmica Online**, v. 11, n. 58, p. e1597, 2025. <https://doi.org/10.36238/2359-5787.2025.v11n58.1597>

QUINTELLA, R. Desejo do psicanalista e resistência na polis contemporânea. **Psicologia Clínica**, v. 34, n. 3, 2022. <https://doi.org/10.33208/pc1980-5438v0034n03a01>

SANTOS, L. F. D. E. A.; ESTEVÃO, I. R. HÁ-UM. O sujeito e a sexuação. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 26, 2023. <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2023-013>

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Editora Cultrix, 2012.

VALAS, P. **As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo** - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

VELIQ, F. A questão de Deus nos seminários de Jacques Lacan. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 35, 2023. <https://doi.org/10.7213/1980-5934.035.e202329173>

VERNIZI, R.; LUSTOZA, R. Z. O tempo lógico lacaniano como agente transformativo na clínica psicanalítica. **Ágora Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 27, n. e271026, 2024. <https://doi.org/10.1590/1809-4414-2024-271026>